

de arcabouço biocronoestratigráfico aplicável às seções marinhas cretáceas e paleógenas das bacias brasileiras, e formação de uma equipe especialista no tema. A análise sistemática permitiu identificar representantes de três ordens, 40 famílias, 109 gêneros e 281 táxons infragenéricos. Entre as espécies identificadas foi possível reconhecer importantes indicadores de idade dos diversos andares do Cretáceo médio ao Superior (Aptiano-Maastrichtiano), bem como do Paleógeno. Diversos bioeventos significativos, identificados nos poços estudados, permitiram a correlação das associações das bacias brasileiras com o zoneamento padrão do Cretáceo e Paleógeno estabelecido para regiões de baixas e médias latitudes (UFRJ, Coordenação: Profa. Valesca Eilert).

Projeto Ostraki. Estudo taxonômico dos ostracodes não marinhos da seção pré-sal das bacias de Santos e Campos, com intuito de refinar o arcabouço biocronoestratigráfico do Andar Alagoas e possibilitar correlações geológicas mais seguras. A espécie que marca a biozona do topo do Andar Jiquiá, bem como outras do Andar Buracica, tem sido foco da revisão taxonômica. Ocorrências de ostracodes de outras bacias, com preservação melhor, foram utilizadas para resolver problemas taxonômicos relacionados à identificação do material. Os resultados obtidos ao longo do projeto permitiram elaborar uma proposta de subdivisão do Andar Alagoas, redefinindo a zona preexistente e propondo subzonas novas. Além disso, com os recursos do projeto, foi possível criar uma infraestrutura modernizada para a pesquisa em micropaleontologia no Instituto de Geociências da UnB. Em termos de recursos humanos e sua formação, o projeto envolveu mais de 20 bolsistas de pós-doutorado, doutorado, mestrado e graduação, bem como a vinda ao Brasil de pesquisadores internacionais, como consultores que ministraram cursos e conferências sobre suas especialidades, estimulando o desenvolvimento de projetos em ostracodes e permitindo inúmeras publicações científicas nesta área, no Brasil (UnB, Coordenação: Prof. Dermeval Aparecido do Carmo).

Projeto Biossantos: compreendeu estudos taxonômicos e bioestratigráficos dos ostracodes marinhos, carófitas e palinórfos do intervalo Santoniano-Campaniano da Bacia de Santos, caracterizado por forte influxo continental e escassez de marcadores biocronoestratigráficos de distribuição global. Amostras provieram de 14 poços deste intervalo, e a integração dos resultados permitiu, com base na distribuição geográfica e estratigráfica desses microfósseis, a proposição de um arcabouço bioestratigráfico pioneiro no Brasil, composto por cinco biozonas de ostracodes marinhos, seis biozonas de ostracodes parálcos e três biozonas de carófitas (parálcas) (fig. 95), calibradas pelas biozonas de palinórfos já registradas nas bacias marginais brasileiras para este intervalo cronoestratigráfico (Unisinos, Coordenação: Prof. Gerson Fauth).

Projeto Albiano. O projeto foi constituído por três frentes: estudo taxonômico e bioestratigráfico dos ostracodes do Albiano da Bacia de Santos; estudo dos microfósseis do Albiano-Campaniano da Antártica; desenvolvimento de novas metodologias para recuperação de microfósseis calcários em rochas carbonáticas. O conhecimento taxonômico dos ostracodes e sua distribuição foi refinado através da identificação de 124 táxons, compreendendo 61 gêneros e 20 famílias. Foi proposto um zoneamento bioestratigráfico local com base em ostracodes, pioneiro no Brasil, com a definição de quatro biozonas e três subzonas informais. As diferentes associações de ostracodes reconhecidas caracterizaram quatro paleoambientes distintos: não marinho, transicional, marinho proximal e marinho distal (fig. 96). Para desenvolver novas metodologias para a recuperação de microfósseis calcários em rochas carbonáticas, foram utilizadas amostras cretáceas das bacias Potiguar e de Sergipe. Dos 53 ensaios realizados nesta pesquisa, o ácido acético demonstrou ser o melhor reagente para desagregação das rochas calcárias e posterior recuperação de microfósseis. Mesmo variando parâmetros como temperatura, concentração do reagente, tempo e superfície de contato, este comprovou sua eficiência. Um método inédito para extração de microfósseis foi avaliado e